

## **A Crise do Sistema Penitenciário do Rio Grande do Sul na Visão do Jornal Zero Hora**

Márcia Pedroso

Doutoranda do PPG em Psicologia da PUCRS e  
Professora do Curso de Psicologia da ULBRA – Campus Cachoeira do Sul.  
marcia-pp@hotmail.com.

Claudia Galante

Mestranda do PPG em Psicologia da UFRGS  
galanteclaudia@gmail.com

Dr. Pedrinho Guareschi, professor do PPG em Psicologia da UFRGS  
pedrinho.guareschi@ufrgs.br

### **1. Introdução**

A proposta deste trabalho é discutir a visão do Site e do Jornal Zero Hora sobre a questão penitenciária no RS, buscando mapear suas táticas ideológicas e representacionais. O Jornal Zero Hora possui aproximadamente dois milhões de leitores, sendo um importante formador de opinião. A questão é: até que ponto na discussão sobre a questão penitenciária, o jornal consegue questionar radicalmente a lógica prisional ou apenas apontar para visões tradicionais onde os vilões passam a ser os esquemas de controle ineficazes e a inabilidade técnica de contenção do ser humano?

O embasamento para esta problematização parte da teoria das representações sociais, que afirma que a narrativa de uma história é sempre uma representação que edifica posicionamentos e visões de mundo e, como tal, não há possibilidade de neutralidade para as narrativas, porque não há neutralidade nas representações de mundo que subjazem a elas. Por este prisma, um veículo de comunicação, como o Jornal em questão, pode “... controlar o fluxo de informações que circula por dada sociedade, [e] em grande medida, controlar a produção do imaginário social, ou seja, atuar diretamente sobre a forma como os indivíduos representam a si mesmos, e em seu grupo social, as relações e as condições de vida a que estão submetidos.” (GUARESCHI, p.44, 2000).

As representações apontam para a fricção que ocorre entre o discurso explicativo de um autor ou veículo, que conceitua e ordena a realidade, e outras possíveis explicações e discursos que se produzem sobre esta realidade. Para a teoria das representações sociais, nesses embates de saberes entre discursos, invariavelmente, alguns saberes tentam sobrepular aos outros (MOSCOVICI, 2003). E nessa luta, quem possui mais espaço e poder, acaba muitas vezes, tendo a sua representação eleita como a verdade.

Os meios de comunicação, nesse contexto, são instrumentos privilegiados de poder, pois criam, reproduzem e veiculam formas simbólicas, nem sempre dando espaço para as vozes dissonantes ao seu discurso, ou seja, impõem seu sentido aos fenômenos sociais. Como conceito basal a esta análise utiliza-se também o conceito de ideologia de Thompson (1995, p. 76), que afirma que “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido [serve] <sup>1</sup> para estabelecer e sustentar relações de dominação”.

Convém ainda mencionarmos que, neste trabalho, entendemos as prisões como as mais emblemáticas instituições totais que funcionam “... apenas como depósito de internados, mas, [...] usualmente se apresentam aos seus ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas, como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas.” (GOFFMAN, p.69, 1961).

### **2. Metodologia**

Para analisar a visão do site e do Jornal Zero Hora sobre a crise penitenciária no RS foram pesquisadas matérias publicadas no ano de 2008 – ano em que uma greve de agentes penitenciários no Rio Grande do Sul trouxe à tona, mais concretamente para opinião pública, a miséria humana vivida nos cárceres deste estado – e o ano de 2009 até o presente momento, final de setembro, quando o anúncio desta suposta crise acaba de completar um ano.

Para esta pesquisa foi utilizado o buscador “*Caos nos presídios*” no Site do Jornal Zero Hora, o que resultou em vinte e uma ocorrências do ano de 2008 – um vídeo e 19 de textos – e vinte ocorrências do ano de 2009 – sendo 17 de textos e três de vídeos – totalizando quarenta e uma ocorrências. Como classificação geral para os tipos de ocorrências que apareceram sobre o tema, organizamos a tabela a seguir que apresenta todas as ocorrências organizadas entre: notícias (05); matérias jornalísticas com autor identificado (05); notas resumidas ou noticiários (03); artigos de colonistas ou leitores (10); ocorrências que apareceram repetidamente ou que não estavam disponíveis (14); e vídeos (04), estes últimos, que não serão utilizados como objeto de pesquisa.

**Tabela 1 – Ocorrências Acessadas por “Caos nos Presídios” em 2008 e até setembro de 2009.**

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO	AUTOR	DATA - LOCAL	TIPO
1. O choro de Dilma	Flávio Tavares	23/11/2008 - 06h59min   Zero Hora	Artigo
2. Relatório revela más condições das prisões da Região Metropolitana	Carlos Etchichury	01/11/2008 - 16h03min   zerohora.com	Matéria
3. Caos nos presídios do Estado	S/ autor identificado	31/10/2008 - 22h26min   zerohora.com	Vídeo
4. Computadores poderão interligar os presídios gaúchos e a Justiça	Carlos Etchichury	10/10/2008 - 07h01min   Zero Hora	Matéria
5. Computadores poderão interligar presídios gaúchos e a Justiça	Mesma anterior	10/10/2008 - 05h26min   zerohora.com	-
6. O caos do Central	Não encontrada	06/10/2008 - 07h00min   Zero Hora	-
7. Central pode ser parcialmente interditado	S/ autor identificado	27/09/2008 - 04h46min   zerohora.com	Notícia
8. Central pode ser parcialmente interditado	Mesma anterior	27/09/2008 - 04h46min   zerohora.com	-
9. Falência múltipla de órgãos	Paulo Sant'Ana	26/08/2008 - 08h44min   zerohora.com	Artigo
10. Falência múltipla de órgãos	Mesma anterior	26/08/2008 - 07h00min   Zero Hora	-
11. As celas da indignidade	S/ autor identificado	15/08/2008 - 07h00min   Zero Hora	Notícia
12. Resumo do Plantão Gaúcha — Rádio Gaúcha	S/ autor identificado	28/07/2008 - 23h52min   zerohora.com	Noticiário
13. Resumo do Chamada Geral - Rádio Gaúcha	S/ autor identificado	28/07/2008 - 18h28min   zerohora.com	Noticiário
14. Homenagem vetada	Não encontrada	28/07/2008 - 07h00min   Zero Hora	-
15. Defensoria pública do Estado vai arquivar conclusões da CPI do Sistema Carcerário	Jocimar Farina	09/07/2008 - 18h18min   zerohora.com	Matéria
16. Resumo do Chamada Geral - Rádio Gaúcha	S/ autor identificado	28/07/2008 - 07h00min   Zero Hora	Noticiário
17. Força-tarefa	Paulo Sant'Ana	20/06/2008 - 08h32min   zerohora.com	Artigo
18. Força-tarefa	Mesma anterior	20/06/2008 - 08h32min   zerohora.com	-
19. Sob pressão, relator de CPI recua em indiciamento de autoridades	Robson Bonin e Francisco Amorim	20/06/2008 - 06h59min   Zero Hora	Matéria
20. Os culpados pelo caos no Presídio	Paulo Sant'Ana	19/06/2008 - 15h59min   zerohora.com	Artigo
21. Quebra de acordo	Não encontrada	05/03/2008 - 07h00min   Zero Hora	-
1. MP cria grupo para acompanhar a situação do sistema carcerário gaúcho	S/ autor identificado	14/07/2009 - 20h01min   zerohora.com	Notícia
2. Caos nos presídios gaúchos provocou 50 mil fugas nos últimos 10 anos	S/ autor identificado	11/06/2009 - 15h31min   zerohora.com	Notícia
3. De perder o sono	Rosane de Oliveira	26/05/2009 - 11h27min   zerohora.com	Artigo
4. De perder o sono	Não encontrada	26/05/2009 - 06h28min   zerohora.com	-
5. Eis o caos, governadora!	Paulo Sant'Ana	26/05/2009 - 06h27min   zerohora.com	Artigo
6. Roubar não dá mais cadeia	André Machado	25/05/2009 - 12h42min   zerohora.com	Artigo
7. Exemplo de presídio atual	Não encontrada	Sem data	-
8. Exemplo de presídio atual	Paulo Sant'Ana	31/03/2009 - 06h14min   zerohora.com	Artigo
9. Luz no fim do túnel	Não encontrada	29/03/2009 - 07h01min   Zero Hora	-
10. Luz no fim do túnel	S/ autor identificado	28/03/2009 - 23h05min   zerohora.com	Artigo
11. Privatização dos presídios	Paulo Sant'Ana	27/03/2009 - 11h34min   zerohora.com	Artigo

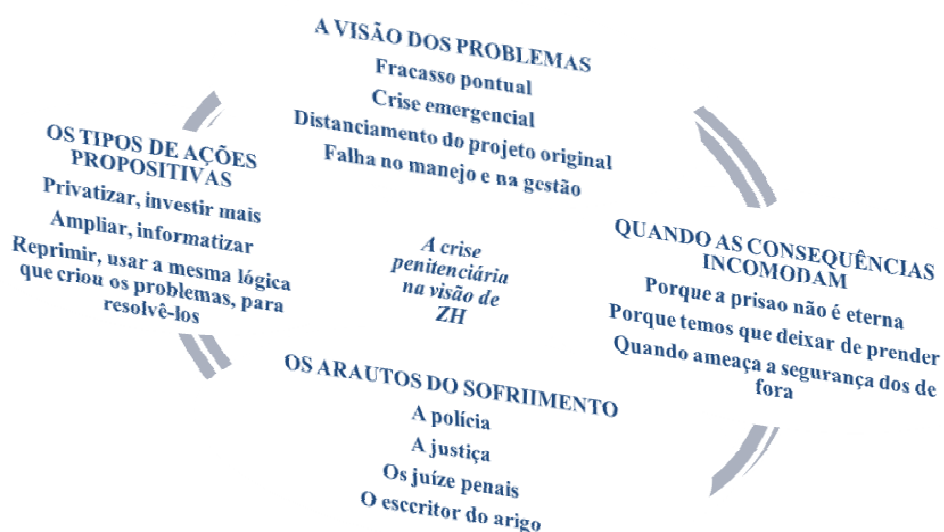
15. Edson Goularte, secretário de Segurança do Estado, fala sobre a situação dos presídios no RS - Parte 2	S/ autor identificado	26/03/2009 - 19h32min	zerohora.com	Video
16. Uma incursão pelo cárcere	Não encontrada	25/03/2009 - 07h02min	Zero Hora	-
17. Uma incursão pelo cárcere	Não encontrada	24/03/2009 - 07h01min	Zero Hora	-
18. Judiciário vai decidir se aprova prisões privadas	Francisco Amorim	24/03/2009 - 07h01min	Zero Hora	Notícia
19. Uma incursão pelo cárcere	Não encontrada	23/03/2009 - 07h01min	Zero Hora	-
20. Uma incursão pelo cárcere	S/ autor identificado	21/03/2009 - 14h56min	zerohora.com	Video

Fonte: Confeção nossa, a partir dos dados coletados.

Para confecção do trabalho de análise das ocorrências, efetuamos três leituras: uma primeira descompromissada, procurando nos deixar envolver pela perspectivas dos autores ou pelas notícias; uma segunda leitura, de grifos e anotações, destacando no texto as partes consideradas ilustrativas ao pensamento do jornal Zero Hora e reveladoras das representações que este constrói acerca da questão penitenciária; e uma terceira leitura, quando foi efetuada a transcrição dos recortes de texto e onde foram criados os grupos semânticos dos quais esses recortes poderiam fazer parte. Nem todas as ocorrências que tivemos acesso foram utilizadas, levando em conta que nem todas tratavam diretamente do tema da pesquisa ou o traziam de forma irrelevante, sob nosso ponto de vista. Para julgamento próprio o leitor pode acessar no site o material na íntegra<sup>2</sup>.

Na tentativa de dar visibilidade aos grupos semânticos – ou conjuntos de recortes agrupados por sentidos afins – foi criado um mapa representacional<sup>3</sup>, como demonstra a Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Mapa Representacional



Fonte: Confeção nossa a partir de nossa interpretação dos dados coletados

Cada título do mapa correspondente a um grupo semântico ou a um corpo de significados. Abaixo do título estão resumidas com suas principais ideias que serão a seguir esmiuçadas em tabelas. Os quatro grupos de significados - (1) a visão dos problemas, (2) as ações propositivas (3) quando as consequências incomodam e (4) os arautos do sofrimento – compõem, em nossa interpretação, as representações de Zero Hora sobre os problemas vividos pelo sistema penitenciário no Rio Grande do Sul. Estes grupos foram criados apenas para a sistematização do trabalho de análise e não possuem a pretensão de esgotar o assunto, mas pretendem ser uma dentre muitas outras das formas possíveis de interpretação das representações

veiculadas nos textos. Os recortes que compõem os grupos semânticos serão lançados ao longo do trabalho entre aspas e em itálico, procurando, em nossa discussão, ilustrar e problematizar a narrativa do Jornal Zero Hora.

### 3. Apresentação e discussão dos resultados

#### 3.1 A visão dos problemas

O primeiro conjunto semântico exposto na tabela a seguir, se refere à visão, bastante restrita, dos problemas extremamente complexos do sistema prisional, apresentada pelo site e Jornal Zero Hora. Entre todas as ocorrências analisadas, somente dois recortes de texto apontam para preocupações com as questões humanas dentro dos presídios. Os demais se limitam a apontar: “*a inexistência de investimentos*”, “*a fragilidade da gestão*”, a deterioração do “*projeto original da prisão*”, preocupados com a possibilidade de um suposto colapso do sistema. É como se para o veículo, toda a história fracassada das prisões não existisse e o problema tratasse apenas de uma “*situação de emergência*” em virtude da má gestão atual, ou de governos recentes, por isto o apontamento do veículo de uma “*crise*” ou colapso, algo considerado difícil, mas que usualmente pode ser interpretado pelo leitor como normal e passageiro.

A visão do leitor é direcionada, desta forma, à ideia de um fracasso pontual em virtude do “*abandono*” ou “*descaso*”, do “*déficit de vagas*” e dos problemas “*estruturais*”. Aparentemente, na leitura dos textos, se os ambientes não fossem “*úmidos, mofados, sem ventilação e superlotados*” a interpretação poderia ser de que estaria tudo bem no sistema prisional. A questão é apresentada ao leitor, restringindo-se a apontar as falhas como incompetência no manejo deste “*projeto*”: o veículo passa a ideia de que ele seria ótimo se fosse bem administrado.

A questão que temos que lidar é com o fato de estar saltando aos olhos a verdadeira condição ou o significado do confinamento. Pois a missão real deve ser camuflada, em nome de uma missão aceitável. Esconder “esta contradição, entre o que a instituição realmente faz e aquilo que oficialmente deve dizer que faz...” pode tornar-se a principal função da gestão. (GOFFMAN, p.70, 1961). Aquilo que não deveria aparecer, apareceu. Não é admissível que os presos tenham que ficar “*algemados às camas*”, mas é aceitável que, sem as algemas, fiquem enjaulados e também que, ao sair da jaula, sejam mais naturalmente algemados.

Nesta visão dos problemas, a falha está no fato de que nosso sistema não “*consegue absorver esta demanda*” e, sua interpretação, não alcança ou propositadamente não coloca em discussão o fato de que a cada ano que passa nossa sociedade aumenta exponencialmente o número de pessoas que envia à prisão. Nela, o “*caos de segurança pública inigualável*” é atribuído à falta de vagas nos presídios e à impossibilidade de prender mais, sem nenhuma referência nas ocorrências pesquisadas, aos efeitos de nossa organização econômica, social e política, e muito menos à forma como produzimos nossa criminalidade. “*O crime cresceu 10.000% e as polícias regrediram...*” diz o jornal e assim, o fenômeno da criminalidade vai sendo apresentado pelo veículo como resultado de um passe de mágica, descolado de seu contexto de produção.

Como se não bastasse, em contrapartida a facilidade com que se prendem pessoas comuns, pobres, negras, e isto é aceito, legitimado e reafirmado pelo veículo, temos a invisibilidade dos crimes cometidos pelo Estado, ente etéreo, que comete suas arbitrariedades dificultando a nomeação dos seus culpados. O Site e o Jornal Zero Hora defendem, em vários de seus artigos que: “*... nada podem fazer as autoridades encarregadas*”, pois “*seria complicado indicar uma pessoa...*” e além de tudo, “*não têm culpa disto o secretário, o comandante e o diretor*”. Ou seja, aos amigos tudo, mas aos inimigos, a lei (vide tabela 2 a seguir).

Tabela 2 – A VISÃO DOS PROBLEMAS DO SISTEMA PRISIONAL

RECORTES	OCORRÊNCIAS
1. ... vi todos os crimes. Não só o dos presos, mas também os <i>crimes do Estado</i> que os mantêm naquele ambiente de degradação e caos...	01/2008
2. Depósito de <i>seves humanos</i> ...	02/2008
3. ...revela a inexistência de <i>investimentos</i> e a fragilidade na <i>gestão</i> ...	02/2008
4. As celas, <i>deterioradas</i> , e as instalações sanitárias e hidráulicas, precárias, conferem um ar sombrio ao ambiente.	02/2008
5. ...o aparente <i>descaso</i> do Estado é mais visível.	02/2008
6. ...galerias integram o <i>projeto original da prisão</i> , e estão em péssimo estado.	02/2008
7. Com aspecto de <i>abandono</i> , a segurança é mínima.	02/2008
8. <i>Entulhos ocupam vagas de presos</i> ...	02/2008
9. ...alojamentos coletivos, úmidos, mofados, sem ventilação e superlotados.	02/2008
10. Local destinado para receber criminosos incapazes de perceber a gravidade de seus atos, o Instituto Psiquiátrico Forense (IPF) lembra um <i>campo de refugiados</i> .	02/2008
11. Há pelo menos uma década, a situação no IPF <i>oscila do péssimo ao insuportável</i> .	02/2008
12. Sem locomoção, <i>algemados às camas</i> , presos fazem suas necessidades fisiológicas no chão da cela...	02/2008
13. <i>Nosso problema é gestão</i> . Sem gestão, tu tranca a cela e deixa os caras lá dentro. Não tem o que fazer.	02/2008
14. ... o reconhecimento de <i>situação de emergência</i> do sistema prisional gaúcho que, diga-se de passagem, não difere do restante do sistema carcerário do restante do Brasil.	02/2008
15. ... <i>déficit de vagas</i> ...	02/2008
16. O Plano Diretor do Sistema Penitenciário, criado em 2007, e o primeiro em 40 anos de Susepe, aponta que <i>gestão é fator referencial também para o sistema penitenciário</i> .	02/2008
17. ...o caos no Presídio Central e a <i>situação de emergência</i> nas penitenciárias...	04/2008
18. O Presídio Central é apenas a ponta do iceberg, mas o sistema penitenciário como um todo <i>está entregue às moscas</i> .	04/2008
19. Nós não temos nenhum problema de falta de assistência ou de decisão dos juizes. <i>O problema é estrutural</i> .	04/2008
20. O <i>grande problema é a má gestão</i> , o abandono, que até agora se via no sistema penitenciário. Tanto pela incuria dos escalões médios e inferiores quanto pela <i>incapacidade de gerir o sistema</i> .	04/2008
21. Com <i>estruturas físicas arcaicas</i> , parte dos presídios gaúchos não dispõe de informatização.	04/2008
22. O estabelecimento não consegue <i>absorver a demanda</i> ...	07/2008
23. ... vamos ter de considerar que <i>vivemos um caos de segurança pública inigualável</i> ... Não há vagas nos presídios, a Polícia Civil nunca esteve tão abandonada em recursos materiais e humanos e a Brigada Militar pena com efetivo reduzido e incompatível com a onda de criminalidade que infesta todos os cantos do Estado.	09/2008
24. Há uma <i>falência múltipla de órgãos</i> na segurança pública gaúcha.	09/2008
25. Isto não é vida civilizada. <i>O crime cresceu 10.000% e as polícias regrediram</i> a 49 anos atrás. Houve um apagão de segurança pública no RS da ordem de 40 anos, exatamente quando subia dramaticamente a ação criminal.	09/2008
26. Além de reafirmar o caos existente nas prisões de maneira geral, a paralisação [dos agentes] <i>potencializou o grau de desumanidade</i> a que os detentos são submetidos no dia-a-dia.	11/2008
27. <i>Que podem fazer</i> o secretário da Segurança, o comandante da PM e o diretor do presídio? Nada, a não ser administrar o caos de frio gelado no inverno, de doenças, de esmagamento físico dos presos nas galerias superlotadas, de alimentação precária, de total falta de higiene das instalações, com os detentos se misturando aos ratos, sem qualquer reação da vigilância sanitária, que esta, sim, tinha o dever de interditar o presídio, mas não o faz porque é ligada à administração estadual - e a administração estadual vai empurrando perigosamente o problema com a barriga.	17/2008
28. ...mas <i>nada podem fazer as autoridades encarregadas</i> de administrá-lo, de vigiá-lo. Administrá-lo já quase não podem, vigiá-lo vêm fazendo-o, por enquanto com sucesso, mas em seguida há a possibilidade de uma tragédia.	17/2008
29. ...só em Porto Alegre, 87,69% deles <i>não reincidiram, se recuperaram portanto</i> , segundo dados da Susepe. Admirável. E com recursos lamentavelmente reduzidos.	17/2008
30. Esse é um <i>problema histórico e não existe apenas um responsável</i> ...	19/2008
31. <i>Seria complicado indicar uma pessoa</i> , já que não visitamos todos os presídios nem temos como culpar os responsáveis de outros governos...	19/2008
32. <i>Estamos com dificuldade em classificar juridicamente as ilegalidades</i> e também não podemos penalizar pessoas que acabaram de assumir as funções - declarou Dutra.	19/2008
33. ...o caos no Presídio Central seria fruto da <i>negligência dos últimos dois governos</i> .	19/2008

34. Os presos são levados às montanhas para o Presídio Central, diariamente. <i>Não têm culpa disto o secretário, o comandante e o diretor</i> — ninguém há de querer ser diretor de um presídio sucateado, com 4,4 mil presos abandonados em meio à sujeira e à doença.	20/2008
35. ...no sistema prisional, que tem, na realidade— sem considerar as fugas — um <b>déficit</b> nos mapas da Justiça de 10,5 mil vagas no Estado (a metade na Capital).	02/2009
36. ...o caos é provocado, principalmente, pela <i>falta de investimentos do governo estadual na construção de presídios...</i>	02/2009
37. ... <i>o sistema prisional passou a ser um gerador de criminalidade</i> , quando sua função é justamente o contrário, isto é, deveria impedir que o crime ocorresse.	02/2009
38. Executivo, que entre nós <i>não constrói presídios há décadas</i> , apesar do aumento geométrico da criminalidade.	05/2009
39. E um <i>empurra-empurra</i> entre governos e sociedade que ajuda a deixar nas ruas mais uma quadrilha.	06/2009
40. Mas o sistema entrou em <i>colapso</i> .	08/2009
41. O <i>sistema público se tornou inoperante</i> , levou a política carcerária ao caos e não demonstra sinais nem de regeneração do sistema nem de atenuação dos males terríveis que ele encerra.	10/2009
42. O problema do <i>manejo de presos lá dentro [do Central]</i> é uma das questões que nós nos deparamos.	13/2009

Fonte: Confeção nossa, a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

### 3.2 Quando as conseqüências incomodam

Este conjunto semântico, conforme tabela a seguir, representa a visão das conseqüências da crise do sistema prisional, consideradas importantes para o site e o Jornal Zero Hora. Nele foram reunidos recortes que demonstram que as percepções e os receios do veículo de comunicação sobre a questão prisional se referem apenas àquelas conseqüências que começam a afetar a rotina das pessoas que estão fora da prisão, já que, a prisão foi organizada neste tipo de visão, “... para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato...” (GOFFMAN, p.17, 1961).

Caso as pessoas presas ficassem eternamente presas, o problema talvez nunca tivesse que ser encarado, mas “*mais cedo ou mais tarde, acabam devolvendo às ruas cidadãos sem as mínimas condições de convívio social ou de se habilitar...*”, o que “*põe em risco tanto quem está atrás das grades quanto os do lado de fora*”. “*Simplesmente não há lugar nas cadeias...*” e nem todas aquelas outras pessoas eleitas pela sociedade para serem presas o serão, pois os juízes passam a “*rejeitar pedidos de prisão ou a liberar condenados por falta de vagas*”. Inclusive tão sonhada “*ressocialização*” – limitada a criar ambientes artificiais com novas contingências para mudar comportamentos (DAUFEMBACK, 2005) – começa a desvelar que sempre foi um sonho “... *impossível*”. Neste momento, os piores pesadelos da sociedade começam a tornar-se realidade e ela terá de se deparar com seu próprio lixo.

O acúmulo de gente “*impossibilita a separação de presos*”: os presos estão misturados aprendendo uns com os outros e irão, ao sair, fazer algo com este aprendizado. Os presos estão se organizando melhor do que o próprio estado os organizaria e podem se dar conta disto ou já se deram e isto é inadmissível na visão do veículo pesquisado. O poder Panóptico que precisava legitimar-se à custa da crença de que qualquer desvio seria assistido e que de que nada ficaria impune foi detonado, é contraproducente, mas isto só passa a importar relativamente, no sentido de que os presídios tenham se tornado “*barris de pólvora prontos para explodir*” e os estilhaços possam atingir os que estão do lado de fora da prisão.

O pesadelo na visão de Zero Hora é ter que “*abrir as portas*”, “*deixar de prender*”, “*tornar mais fácil a vida dos criminosos*”. Assim, em uma percepção enviesada, o sistema prisional passa a tornar-se visível, não como um reflexo de nossa organização social ou como parte de nossos problemas sociais, mas como uma causa da criminalidade. Se ele sempre foi o espelho da forma como nossa sociedade administra suas relações econômicas, políticas e sociais, isto não interessa, pelo contrário, isto pode ser camuflado pelo veículo no alardeamento das conseqüências, essas sim consideradas graves, geradas por seu colapso: “*legiões de assaltantes saem pelas ruas à procura de vítimas para seus assaltos*”. Ele nunca deixou de estar em colapso, mas o colapso é reinventado a cada dia (vide tabela 3 a seguir).



**Tabela 3 – QUANDO AS CONSEQUENCIAS INCOMODAM  
RECORTES**

	<b>OCORRÊNCIAS</b>
1. ...é quase impossível a ressocialização.	02/2008
2. ...o prédio que conta com uma galeria e diversas celas impossibilita a separação de presos: primários, provisórios, condenados e reincidentes, de todos os regimes, convivem no mesmo espaço...	02/2008
3. Nele estão apenas os presos da facção "Brasas" ou simpatizantes. Embora sob a administração da Susepe, quem manda na rotina do prédio são os criminosos. Curiosamente, o prédio é mais limpo e organizado que os demais.	02/2008
4. Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (PASC) permite que presos recebam familiares dentro de suas celas...	02/2008
5. Presídios superlotados e sem condições de dispensar tratamento adequado aos internos transformam-se invariavelmente em barris de pólvora prontos para explodir a qualquer momento.	11/2008
6. Seja em qual for a instituição, o descaso dispensado aos prisioneiros no Estado, de maneira geral, põe em risco tanto quem está atrás das grades quanto os do lado de fora.	11/2008
7. E, mais cedo ou mais tarde, acabam devolvendo às ruas cidadãos sem as mínimas condições de convívio social ou de se habilitar a uma oportunidade de trabalho, o que pode levá-los novamente ao crime.	11/2008
8. O Presídio Central faz parte da sociedade. E um lixo que a sociedade precisa suportar.	20/2008
9. As chagas da sociedade pertencem à sociedade! Aqui ninguém quer presídio, mas todos querem as prisões: "Bota na cadeia os corruptos, bota na cadeia os criminosos."	20/2008
10. Só nos primeiros cinco meses do ano, fugiram 1,3 mil presos.	02/2009
11. Nos últimos dez anos, 50 mil presos fugiram das cadeias do Rio Grande do Sul...	02/2009
12. ...a média de fugas é de 274 presos por mês e os números são usados pelo governo estadual como novas vagas abertas...	02/2009
13. A situação é tão dramática que a fuga é necessária para manter o sistema, pois se os presos parassem de fugir haveria uma explosão da população carcerária, diz o magistrado.	02/2009
14. Por causa da superlotação, os juizes mandaram abrir as portas das celas em alguns presídios e deixaram os presos viver nas galerias.	02/2009
15. Uma situação perigosa, como ele reconhece, pois o Estado não controla os presos soltos nas galerias, mas apenas a porta do setor e o os corredores.	02/2009
16. ...mandados de prisão para todo tipo de crime foi suspensa durante certo tempo...	02/2009
17. A superlotação das cadeias foi o principal argumento usado pelo juiz para não autorizar a prisão. Ela é a confirmação de que o colapso no sistema penitenciário gaúcho torna mais fácil a vida dos criminosos.	03/2009
18. Como faltam vagas para abrigar os já condenados, o juiz entendeu que não deveria autorizar a prisão de suspeitos — e os livrou de passar alguns dias convivendo com a degradação do Presídio Central...	03/2009
19. Ao saber que juizes começam a rejeitar pedidos de prisão ou a liberar condenados por falta de vagas, todos acabaremos por concluir que esse é, sim, um problema de todos nós e não apenas do governo, dos juizes e dos membros do Ministério Público.	03/2009
20. ...o caos no sistema penitenciário é uma ameaça à segurança de cada um.	03/2009
21. Chegamos ao ápice da catastrófica situação prisional em nosso Estado: a Justiça gaúcha só está encaminhando criminosos aos presídios em "situação excepcionalíssima".	05/2009
22. Os policiais se irresignam, mas a Justiça nada mais faz agora do que atender ao mandamento lógico e científico de que só pode ordenar a prisão provisória de indivíduos que cometeram furto no caso de que haja vagas nos presídios.	05/2009
23. Justiça gaúcha se exime finalmente da responsabilidade de manter presos em situação indigna, medieval, desumana.	05/2009
24. Chegamos ao cúmulo razoável, diante do caos penitenciário, de que a Justiça passa agora a selecionar os indiciados, réus e apenados que serão recolhidos à prisão, pela ordem de gravidade dos delitos que cometeram.	05/2009
25. Expliquei em vão para a sociedade gaúcha, durante 37 anos, solitariamente, pregando no deserto, que quanto piores se tornavam as prisões, mais crimes haveria em todas as ruas.	05/2009
26. Se tivessem me atendido nesse tempo todo, não estaríamos agora diante deste extremo aterrador: a Justiça, adequadamente, se negando a prender.	05/2009

27. Cinco deles cumprem regime no semi-aberto e seguem praticando crimes. A alegação da justiça não é fútil: <i>simplesmente não há lugar nas cadeias.</i>	06/2009
28. A ampliação do Presídio Central <i>fez cócegas na defasagem</i> que existe no sistema.	06/2009
29. E assim, <i>legiões de assaltantes saem pelas ruas à procura de vítimas para seus assaltos.</i>	08/2009
30. A falta de vagas no sistema penitenciário, aliás, faz com que um em cada três detentos gaúchos cumpra pena, atualmente, em presídios que estão sob interdição judicial. Conforme revelou ZH, por determinação de magistrados, <i>17 casas prisionais estão proibidas de aceitar o ingresso de novos presidiários</i> ou então só podem deixar entrar presos em flagrante ou do próprio município.	12/2009
31. <i>...as fugas e as rebeliões...</i>	12/2009
32. Não temos o controle total, mas ainda temos o controle para <i>garantir a proteção do cidadão que merece.</i>	13/2009

Fonte: Confeção nossa, a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

### 3.3 Os tipos de proposições

O conjunto semântico a seguir é composto por cinquenta e sete recortes de texto que discutem “*a busca por solução do caos nos presídios gaúchos*”. Os cinquenta e sete recortes possuem em comum a visão da sustentabilidade do sistema prisional a partir de reformas, mais ou menos drásticas ou paliativas. Para todos os textos pesquisados, o problema está reduzido ao manejo inadequado de situações pontuais em relação aos presos e aos recursos. Seus posicionamentos circulam entre a ideia de “*privatização dos presídios como alternativa ao caos*” do sistema penitenciário, passando pela visão que acredita que o “*modelo misto é o ideal*” até a posição em que “*bastariam cadeias públicas bem administradas*”.

Partindo dos pressupostos lançados pelo veículo de comunicação pesquisado, a discussão fica camuflada pela procura de mais estratégias de controle: de “*ampliação*”, de “*duplicar a capacidade*”, de “*ocupação do espaço*”, de “*requalificação*”, de “*informatização*”, de envio de presos “*para suas comarcas de origem*”, pois à visão repressiva “*não há polícia que baste*” (vide tabela 4 a seguir).

O veículo trava uma discussão que permanece na superficialidade do problema, não questionando a lógica prisional, pelo contrário, buscando soluções para o problema da lógica prisional, na própria lógica prisional. Quem sabe aumentando a dose do veneno não se chega à cura? São propostas repressoras, autoritárias, que não chegam a vislumbrar a questão social como parte do fracasso da segurança pública. Para essa visão, a segurança pública sempre dependerá da coação policial e das grades. Mas com uma leitura mais atenta: “ficamos naturalmente inclinados a ver nos arranjos contemporâneos de poder uma nova e reiterada das velhas e basicamente inalteradas técnicas...” (BAUMAN, p.57, 1999).

Tabela 4 – OS TIPOS DE AÇÕES PROPOSITIVAS

RECORTES	OCORRÊNCIAS
1. Entre as providências que melhorariam as condições em criminosos cumprem pena estão: ... <i>duplicar a capacidade...ampliação do pátio... construção de um muro...</i>	02/2008
2. Em 19 de setembro 2000, a Justiça <i>interditou a triagem e as celas</i> do pavilhão F e G.	02/2008
3. Militante em defesa dos direitos humanos, o consultor em segurança pública ... <i>defende transformações no sistema penal brasileiro.</i>	02/2008
4. De forma <i>paliativa</i> , porém ... acredita que parceria com entidades sociais sem fins lucrativos, como universidades, por exemplo, <i>ajudaria na gestão</i> das prisões.	02/2008
5. Não existem hospitais universitários? <i>Por que não presídios universitários.</i>	02/2008
6. ...construção de <i>anexos</i> junto às penitenciárias existentes...	02/2008
7. A <i>força-tarefa</i> (criada pelo governo desde que foi decretada situação de emergência nos presídios) também está examinando o tema,	02/2008
8. ...as <i>vagas geradas ocorrerão com a ocupação do espaço</i> mencionado...	02/2008
9. No caso do Rio Grande do Sul, o que deve restar claro é o firme propósito de se <i>enfrentar o tema e buscar soluções</i> , o que está ocorrendo”.	02/2008
10. Nossa assunção ao cargo _ há apenas 40 dias _ está focada justamente em <i>diferenças, metas e</i>	02/2008



<i>resultados, visando um gerenciamento administrativo e operacional que requalifique o sistema prisional como um todo e, conseqüentemente, sirva como estímulo e exemplo para os servidores, que também merecem e devem se qualificar.</i>	
11. Para isso, faremos uma <i>reestruturação legal de cargos</i> , para construir essa qualidade"	02/2008
12. Raras são as prisões que contam com <i>computadores modernos e internet</i> com banda larga.	04/2008
13. <i>...informançar cadeias...</i>	04/2008
14. Seria possível um convênio entre Executivo e o Judiciário gaúcho para que a gente possa <i>interligar, pelo menos parcialmente, varas de execuções com presídios.</i>	04/2008
15. O importante é que há interesse e recursos. Queremos <i>sair da idade da pedra...</i>	04/2008
16. <i>... se houvesse informatização</i> , informações simples como transferência de presos ou consulta sobre a existência de vagas em presídios poderiam ser resolvidas por e-mail.	04/2008
17. a força-tarefa que deverá discutir <i>ações</i> , definir <i>obras prioritárias</i> e acelerar suas execuções	04/2008
18. Presídio Central pode ser <i>parcialmente interditado</i> . Essa é uma hipótese que será discutida...	07/2008
19. Ainda estamos estudando qual a medida que será tomada para <i>reduzir o caos</i> no Presídio Central. Uma das hipóteses é a <i>interdição parcial</i> .	07/2008
20. A medida estabelece que foragidos com <i>mandados de prisão expedidos no Interior</i> , mas presos em Porto Alegre, <i>sejam levados para suas comarcas de origem</i> .	07/2008
21. Tem de ser decretado estado de emergência na segurança pública. A governadora e a assembleia precisam urgentemente tomar medidas para <i>admir milhares de policiais e dotar de recursos as duas policias</i> .	09/2008
22. Algo precisa ser feito, um <i>movimento da sociedade que afinal venha a sensibilizar energicamente os poderes</i> .	09/2008
23. A <i>sociedade, que clama com razão por punições severas</i> para quem transgride a lei, não pode imaginar que o convívio com ratos e excrementos, por exemplo, possa se constituir numa forma de fazer o transgressor pagar pela infração cometida.	11/2008
24. <i>Qualquer Estado que pretenda combater a criminalidade, reduzindo os níveis de insegurança, precisa assegurar condições mínimas nos presídios</i> . Esta, portanto, é uma questão que o governo gaúcho precisa enfrentar logo, não com discursos, mas com ações efetivas.	11/2008
25. Novo secretário da Segurança tem como metas iniciais <i>o combate à criminalidade</i> na região metropolitana e <i>a busca por solução do caos</i> nos presídios gaúchos.	12/2008
26. <i>CPI do Sistema Carcerário responsabiliza sete autoridades</i> gaúchas pelo caos no Presídio Central	16/2008
27. <i>A CPI do Sistema Carcerário ameaça indiciar cinco autoridades gaúchas</i> pelo estado atual do Presídio Central de Porto Alegre, classificado por ela como a pior prisão brasileira.	17/2008
28. Cabe ao Ministério Público e à Justiça, contando com vontade decidida do governo estadual, atrair-se a uma solução de emergência. <i>Esse mutirão deve ser imediatamente instalado</i> .	17/2008
29. <i>...prometendo financiar diversas unidades prisionais...</i>	17/2008
30. A única medida que pode atenuar esse gritante caos é a <i>criação urgente de uma força-tarefa do Ministério Público e da Justiça</i> no sentido de uma <i>triagem</i> entre os mais de quatro milhares de presos para verificar a situação real da administração e execução de suas penas. E impor <i>uma rápida refinação nos seus prantários</i> , concedendo os benefícios a que têm direito, entre eles a passagem para os regimes aberto e semi-aberto e a liberdade condicional.	17/2008
31. <i>...o que falta é trabalho, é iniciativa, é apoio dos governos, é a coragem de encarar essa chaga social com ação...</i>	17/2008
32. <i>...a ideia é buscar soluções para o caos nos presídios, com auxílio do Judiciário e do Executivo. O grupo pode, inclusive, sugerir a dispensa de licitações, se for o caso, para agilizar a construção de novas penitenciárias.</i>	01/2009
33. Para resolver o problema da superlotação no Presídio Central de Porto Alegre, por exemplo, seria necessário <i>construir seis penitenciárias com 500 vagas cada uma</i> .	02/2009
34. Existem no Estado cerca de 90 presídios e quase todos enfrentam problema idêntico, segundo Brizuska, o que levou os <i>60 juizes de execuções criminais a reduzirem as ordens de prisão</i> .	02/2009
35. Por isso, os juizes das varas de execuções penais se reuniram e decidiram <i>fazer uma seleção de quem deveria ir para os presídios</i> .	02/2009
36. A Justiça está, em última análise, retirando um peso da sua consciência: para haver trânsito livre e seguro do trâmite penal é imprescindível que o Poder Executivo se muna de recursos para <i>abrigar nos cárceres presidiários que neles sejam hospedados sob condições mínimas de habitabilidade</i> .	05/2009
37. <i>...deve pressionar o Poder Executivo a proporcionar condições a que sejam recolhidos a prisões condignamente humanas os criminosos</i> .	05/2009
38. A ampliação do Presídio Central faz cócegas na defasagem que existe no sistema. As <i>pequenas cadeias defendidas por especialistas</i> são aceitas pelas comunidades apenas longe de seus municípios.	06/2009
39. Viram como <i>não é questão de o presídio ser público ou privado? Qualquer um dos dois sistemas pode ser extioso. O que se precisa urgentemente é da construção de vários, inumeros presídios</i> .	08/2009
40. <i>Não há policia que baste</i> . Os criminosos cresceram em 10.000% nas ruas. As forças policiais diminuíram em 500%: a Polícia Civil tem hoje o efetivo de pouco mais de 5 mil homens, o mesmo número de 50 anos atrás. Um absurdo!	08/2009

41. E, importante: <i>todos têm de ter pequena capacidade. Têm de ser muitos os presídios e poucos os detentos dentro deles, essas são a solução e a lógica penitenciária.</i>	08/2009
42. E eles [os juizes responsáveis pela fiscalização dos presídios gaúchos], sexta-feira, por unanimidade dos 15 membros presentes, <i>apoiaram a privatização dos presídios</i> , isto é, a construção de presídios privados no Rio Grande do Sul. Por unanimidade.	10/2009
43. ...a possibilidade da <i>privatização dos presídios surge como alternativa ao caos</i> , que se a busque como primeiro e fundamental passo para a restauração da dignidade no sistema prisional.	10/2009
44. ...importante opinião de que algo precisa ser feito para <i>pôr fim à desordem reinante</i> .	10/2009
45. O fato é que chegamos ao caos com a administração pública das prisões. <i>Não há nenhuma maneira de recuperar os presídios pela via pública.</i>	11/2009
46. Eu acho que <i>a privatização seria uma solução porque iria disciplinar a questão carcerária</i> . Não é possível que se coloque um preso a mais do que o presídio suporta.	11/2009
47. <i>Em uma prisão que visitei nos Estados Unidos só há uma entrada.</i>	12/2009
48. ... <i>a guarda interna nas cadeias privadas seja feita por seguranças particulares</i> . Na sua visão, basta que o <i>controle final seja feito por servidores</i> do quadro da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) para que <i>a custódia dos presos permaneça legalmente com o Estado</i> .	12/2009
49. Entre as vantagens das cadeias privadas em relação às públicas, o promotor destaca <i>a agilidade da iniciativa privada</i> .	12/2009
50. Ele acredita que um <i>modelo misto é o ideal</i> , como ocorre em grande parte da Inglaterra.	12/2009
51. Ele acredita que <i>tanto a guarda externa quanto a interna, nos presídios, devem ser feitas pelo Estado</i> . A iniciativa privada se limitaria a gerenciar o trabalho dos detentos e explorá-lo de uma forma mais eficaz que o aparelho estatal.	12/2009
52. <i>Mas há quem defenda com unhas e dentes o modelo atual de gestão</i> . É o caso de Luiz Fernando Rocha, presidente da Associação de Monitores e Agentes Penitenciários do Rio Grande do Sul (Amaperge).	12/2009
53. Se o Estado investir R\$ 2,2 mil por preso, como acontece nos presídios privados, <i>teremos o melhor sistema penitenciário do mundo</i> e não essas masmoras que estão aí.	12/2009
54. Nós estamos querendo é reduzir a superlotação e a partir daí <i>fazermos as reformas que forem possíveis para melhorar as condições de habitabilidade</i> de todos aqueles que lá estão.	13/2009
55. Estudada pelo governo do Estado como <i>uma opção para a criação de vagas, a construção de prisões privadas será discutida por juizes gaúchos</i> .	
56. ... <i>bastariam cadeias públicas bem administradas e sem problemas de superlotação para se obter os mesmos resultados alcançados por cadeias privadas</i> .	18/2009
57. Entre os juizes, não há consenso se <i>as cadeias privadas são a melhor alternativa</i> .	18/2009

Fonte: Confecção nossa, a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

### 3.4 Os arautos do sofrimento

Esse conjunto semântico, apesar de pequeno é significativo. Ele é o conjunto mais maquiavélico e sutil de recortes de texto, pois ele foi pinçado entre ideias que tentam incutir no leitor a percepção de que os magistrados, os policiais, enfim, as figuras operadoras do direito e operadoras dos aparelhos repressivos da polícia, seriam aquelas que mais sofreriam com o caos dos presídios, apelando para a degradação da moral dessas figuras: a polícia e a justiça “*estrebuchando por dentro*”, “*vêm agredidas suas consciências*”. Esse apelo chega a ser aviltante aqueles que convivem com o sistema prisional e sabem que: “se não fosse pelo fato de que os prisioneiros ainda comem e defecam, as celas poderiam ser tidas como caixões.” (BAUMAN, p.116, 1999), o que não permite que se aceite qualquer menção a sofrimento semelhante ou próximo, de alguém que vive em seu elegante tribunal, e que goze de suas plenas possibilidades de ir e vir.

Além disto, o último recorte desta categoria recorre a um subterfúgio astucioso ao relacionar à resistência à privatização do sistema prisional – anunciada como única solução possível pelo artigo em questão – a uma visão reacionária. Este subterfúgio pode fazer titubear de suas convicções até o leitor mais desperto – se ele defender a não privatização será considerado reacionário? Então se defendê-la será considerado progressista? Sim, diria o arauto do neoliberalismo. Mas para aqueles que entendem a delicadeza da questão – entregar ao mercado privado o controle da execução das penas – ainda há muito a discutir. Principalmente porque a palavra abolicionismo, nunca foi mencionada pelo veículo – e esta sim, faria sofrer de verdade toda a indústria prisional – de magistrados a PMs (vide tabela 5 a seguir).

Tabela 5 – OS ARAUTOS DO SOFRIMENTO

RECORTES	OCORRÊNCIAS
1. As polícias e a Justiça Penal estão de mãos atadas, fazendo o que podem, mas <i>estrebuchando por dentro</i> .	09/2008
2. Os 15 juizes da fiscalização dos presídios, os que exercitam a execução das penas, <i>são os que mais sofrem com o caos do sistema prisional</i> .	10/2009
3. <i>Já sofrem também os juizes penais</i> , os que prolatam as sentenças, ao perceberem que suas condenações vão bater nos rochedos rudes do caos penitenciário.	10/2009
4. Mas os das execuções penais, os 15 juizes que votaram unanimemente a favor da construção de presídios privados em nosso meio, <i>são os que veem agredidas suas consciências</i> por saberem ser de sua competência a administração penal dos presídios e nada poderem fazer para equacionar uma superlotação dos presídios que afunda na barbárie.	10/2009
5. <i>Mas o que dói, o que punge e o que devora</i> é saber-se que, quando essa solução é aventada, quando talvez a única solução para o caos é alvitrada [referindo-se à privatização], tristes espectros de reacionarismo se levantam contra ela, lutando para que tudo permaneça como está.	10/2009

Fonte: Confeção nossa, a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

### 3. Considerações Finais

“Todo processo policial/judicial é, em certo sentido, um longo ritual rigidamente estruturado de rejeição simbólica e exclusão física. A rejeição e a exclusão são humilhantes e pretendem isso; visam fazer o rejeitado/excluído aceitar sua imperfeição e inferioridade social. Não admira que as vítimas ergam uma defesa. Em vez de aceitarem docilmente a sua rejeição e converter a rejeição oficial em auto-rejeição, elas preferem rejeitar os que as rejeitam. Para isso, o rejeitado/excluído recorre aos únicos meios à sua disposição, todos contendo alguma dose de violência;” (BAUMAN, p.135, 1999).

O delito é uma construção social e como tal, exige que repensemos percepções que ainda se prendem em interpretá-lo como doença ou patologia individual. A visão psicologizante do delito – que interpreta tudo como sinal de conflitos, limitações intrapsíquicas ou mesmo familiares – gera consequências devastadoras na forma como nos organizamos socialmente para entendê-lo e enfrentá-lo. Esse entendimento descola a subjetividade de seu contexto de produção, dirigindo todas as estratégias à adaptação e reforma do sujeito, isentando de revisão da organização social em que ele vive.

As visões do Site e do Jornal Zero Hora, reafirmam o sujeito delituoso como auto-produzido na medida em que, eliminam todas as variáveis sociais, históricas, econômicas e políticas da discussão sobre a criminalidade e sobre o sistema prisional. O veículo impinge a ideia do cárcere como origem da criminalidade e como causa dos problemas de segurança pública, que hoje enfrentamos no Rio Grande do Sul, como em outros estados do Brasil.

Além disto, representa a prisão como única alternativa – seja privada ou pública. Não questiona a lógica prisional e não ventila alternativas abolicionistas ou mesmo menciona penas alternativas. Inventava uma crise que nunca deixou de existir, como forma de legitimar um sistema que desta forma, parece um dia ter sido o ideal e estar apenas passando neste momento por problemas que estão muito bem delineados, está fora de seu eixo. É um veículo de formas simbólicas colocadas a serviço do poder de encarcerar, de reprimir. Deseja ser lido por uma “... *sociedade, que clama com razão por punições severas para quem transgride a lei*” e que se compadece com o sofrimento da polícia e dos magistrados e reafirma que o resto precisa ser gerido de modo a voltar para invisibilidade de onde nunca deveria ter saído. Deseja atender às demandas do seu leitor.

#### 4. Referências

- BAUMAN, Z. *Globalização: consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1961.
- GUARESCHI, P. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3ª ed. Tradução de Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- DAUFEMBACK, V. Sucessos e fracassos da prisão. In: Conselho Federal de Psicologia – *Relatório final do Projeto: apoio aos familiares e egressos do sistema penitenciário*, 2005.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teórica crítica na era dos meios de comunicação de massa*. (6ª ed). Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

---

<sup>1</sup> A intervenção entre colchetes é nossa e substituí a palavra “sirva” por [serve], de modo a melhorar a compreensão do texto.

<sup>2</sup> Leia as ocorrências na íntegra disponíveis em <http://www.clicrbs.com.br/busca/zerohora/rs?c=-1&cx=partner-pub-2809266142650922%3Awit236-rr52&cof=FORID%3A10&ie=iso-8859-1&q=Sistema+Penitenci%Elrio+Ga%FAcho&t=2008&e=c> e <http://www.clicrbs.com.br/busca/zerohora/rs?c=-1&cx=partner-pub-2809266142650922%3Awit236-rr52&cof=FORID%3A10&ie=iso-8859-1&q=Sistema+Penitenci%Elrio+Ga%FAcho&t=2009&e=c>, acessado em 28/09/09.

<sup>3</sup> O mapa representacional exposto a seguir teve sua construção baseada no mapa do texto “Patológico, cinzento e perdido”: a representação social do PT segundo Mendelski (Guareschi, 2000, p.177).